

Universidade Federal de Santa Maria
Pró-Reitoria de Graduação
Centro de Educação
Curso de Graduação a Distância de Educação Especial

LIBRAS III

6º Semestre

1ª Edição, 2006



Secretaria de
Educação Especial

Secretaria de
Educação a Distância

Ministério
da Educação



Elaboração do Conteúdo

Profa. Carolina Hessel Silveira

Professora Pesquisadora (Conteudista)

Juliana Corrêa de Lima

Acadêmica Colaboradora

Desenvolvimento das Normas de Redação

Profa. Ana Cláudia Pavão Siluk

Profa. Luciana Pellin Mielniczuk (*Curso*

de Comunicação Social | Jornalismo)

Coordenação

Profa. Maria Medianeira Padoin

Professora Pesquisadora Colaboradora

Danúbia Matos

Iuri Lammel Marques

Acadêmicos Colaboradores

Revisão Pedagógica e de Estilo

Profa. Eliana da Costa Pereira de Menezes

Profa. Cleidi Lovatto Pires

Comissão

Revisão Textual

Profa. Marta Azzolin

Coordenação

Direitos Autorais

(*Direitos Autorais | Núcleo de Inovação e de Transferência Tecnológica | UFSM*)

Projeto de Ilustração

Vinicius de Sá Menezes

Técnico

Fotografia da Capa

Banco de imagens sxc.hu

Projeto Gráfico, Diagramação e Produção Gráfica

(*Curso de Desenho Industrial | Programação Visual*)

Prof. Volnei Antonio Matté

Coordenação

Clarissa Felkl Prevedello

Técnica

Bruna Lora

Filipe Borin da Silva

Acadêmicos Colaboradores

Impressão

Gráfica e Editora Pallotti

* o texto produzido é de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

S587 Silveira, Carolina Hessel
Libras III : 6º semestre / [elaboração do conteúdo: profa. Carolina Hessel Silveira, Juliana Corrêa de Lima ; revisão pedagógica e de estilo: profa. Eliana da Costa Pereira de Menezes, profa. Cleidi Lovatto Pires].- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2006.
p. : il. ; 30 cm.

1. Educação 2. Ensino 3. Educação especial 4. Surdos 5. Libras 6. Língua brasileira de sinais I. Lima, Juliana Corrêa de II. Menezes, Eliana da Costa Pereira de III. Pires, Cleidi Lovatto IV. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Graduação a Distância de Educação Especial

CDU: 376.33

Ficha catalográfica elaborada por
Maristela Eckhardt CRB-10/737
Biblioteca Central - UFSM

Presidente da República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad
Ministro da Educação

Prof. Ronaldo Mota
Secretário de Educação a Distância

Profa. Cláudia Pereira Dutra
Secretária de Educação Especial

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Clóvis Silva Lima
Reitor

Prof. Felipe Martins Müller
Vice-Reitor

Profa. Nilza Luiza Venturini Zampieri
Pró-Reitora de Planejamento

Prof. Jorge Luiz Cunha
Pró-Reitor de Graduação

Profa. Cleuza Alonso
Coordenadora de Planejamento Acadêmico
e de Educação a Distância

Prof. Alberi Vargas
Pró-Reitor de Administração

Sr. Fernando Portin da Rocha
Diretor do CPD

Profa. Maria Alcione Munhóz
Diretora do Centro de Educação

**Coordenação da Graduação
a Distância em Educação Especial**

Prof. José Luiz Padilha Damilano
Coordenador Geral

Profa. Vera Lúcia Marostega
Coordenadora Pedagógica e de Oferta

Profa. Andréa Tonini
Coordenadora de Tutorias e dos Pólos

**Profa. Vera Lúcia Marostega e
Prof. José Luiz Padilha Damilano**
Coordenadores da Produção do Material do Curso

**Coordenação Acadêmica do Projeto do
Curso de Licenciatura a Distância de
Educação Especial - Graduação - Oferta do
1º ano - Projeto MEC/SEED-UFSM 02/2005**

Prof. José Luiz Padilha Damilano
Coordenador

Profa. Maria Inês Naujorks
Coordenadora/Gestora Financeira do Projeto

João Rafael Presa Leite
Assessor Técnico

Sumário

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	05
-----------------------------------	----

UNIDADE A

REPRESENTAÇÕES DO SER SURDO	07
1. Identidade Surda	09
2. Comunidade Surda	11
3. Cultura Surda	13
4. A surdez como diferença política	16
5. A surdez como experiência visual	20

UNIDADE B

GRAMÁTICA II	25
1. Tipos de frases na LIBRAS	27
2. Advérbios de tempo	28
3. Pronomes e expressões interrogativas	29

UNIDADE C

CONTEXTUALIZANDO EM LIBRAS I	33
1. Narrativas em LIBRAS	36

UNIDADE D

SINAIS BÁSICOS IV	37
1. Cidades	39
2. Estados Brasileiros	40
3. Países	41

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas	43
----------------------------	----

Apresentação da Disciplina

LIBRAS III

6º Semestre

Nesta disciplina, assim como nas demais, serão estudados assuntos pertencentes ao seu respectivo programa, porém a ementa referente a esta disciplina foi pensada e planejada anteriormente à reforma de conteúdos relacionados ao estudo da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Logo, aprenderemos, não da maneira seqüencial em que os cadernos se apresentam, como por exemplo. Tipos de frases na LIBRAS que já foi trabalhada no caderno LIBRAS II. Alguns conteúdos não estão em ordem, porém foram colocado em outro caderno anterior e no próximo caderno. Assim sendo, em nada será alterado o contexto da disciplina, apenas os conteúdos serão mais aperfeiçoados à realidade.

Lembre-se de que a Libras é uma língua e, como todas as outras, é dinâmica, sofrendo alterações no decorrer do tempo e espaço e no próprio processo interativo. Nesta disciplina, aprofundaremos o conhecimento sobre a Comunidade, a Identidade e a Cultura Surda e também sobre o aprendizado de LIBRAS, sendo capaz de realizar interações comunicativas com a Comunidade Surda. A disciplina abrange quatro unidades que nos permitirão conhecer a LIBRAS. Na primeira unidade, iremos conhecer a Identidade e a Comunidade Surda, a surdez como diferença política e a surdez como experiência visual. Na segunda unidade, trabalharemos a gramática II: tipos de frases na LIBRAS; pronomes e expressões interrogativas e advérbio de tempo. Na terceira unidade, mostraremos o contexto em LIBRAS I: Narrativas em LIBRAS. Em seguida, iremos conhecer sinais básicos IV: cidades, estados brasileiros e países.

Esta disciplina será desenvolvida com uma carga horária de quarenta e cinco (45) horas/aula.

Entenda os nossos ícones!



Alerta

Alerta o leitor sobre algum assunto que está sendo tratado no momento.



Saiba Mais - Recomendação

Indica fontes externas e outras leituras, como livros, sites na internet, artigos, outros itens da própria apostila, etc.



Conteúdos Relacionados

Sugere ao aluno conhecer um ou mais conteúdos específicos para melhor entendimento do conteúdo atual.



Atividades

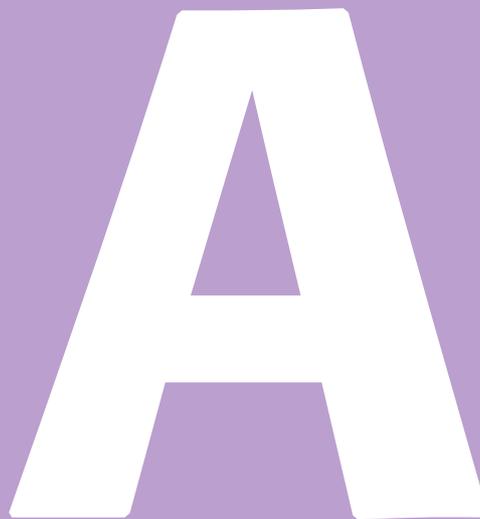
As atividades dizem respeito aos exercícios abordados no tópico anterior, podem ser analógicas ou digitais.



Veja o Vídeo

Indica que o aluno assista o vídeo.

UNIDADE



REPRESENTAÇÕES DO SER SURDO

Objetivos da Unidade:

Após o estudo do conteúdo e a realização das atividades propostas, esperamos que você alcance os seguintes objetivos:

- Conheça o cotidiano do ser surdo;
- Aprofunde as principais visões atuais sobre representações do ser surdo.

Introdução

É de extrema importância conhecer as representações do ser surdo e como esta foi se desenvolvendo para que se possa refletir sobre ela. Iremos observar os grandes

elementos das representações do ser surdo: como é a identidade surda, a comunidade surda, a cultura surda, a surdez como diferença política, a surdez como experiência visual.

1 Identidade Surda



Figura A.1: : Professor surdo dando aulas para alunos surdos, é a importância da identificação entre professor surdo e alunos surdos

Para falar sobre identidade surda, vamos primeiro falar como os Estudos Culturais pensam sobre as identidades.

Atualmente, se pensa que as identidades não são fixas. As pessoas não têm só uma

identidade em toda vida e em todos os lugares. Como diz Hall (1998, p. 46), as identidades são "abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas".

Bauman (2005, p.19) afirma:

Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras.

As "identidades" flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mais outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.

Essa pesquisadora mostra como existe uma relação entre a identidade surda, currículo e pedagogia. Ela traz algumas perguntas, como: Qual pedagogia se configura como referência para a aprendizagem dentro da comunidade surda? (...) Como pode haver relações entre currículo e cultura para possibilitar o acesso à diferença? Perlin (2000)

Perlin traz algumas respostas para essas perguntas e diz que já existe uma proposta nas novas diretrizes do MEC. Ele fala em três boas

condições para a escola produzir identidades surdas e não identidades de deficientes auditivos ou identidades ouvintistas. Essas condições são (Perlin, 2000, p. 27): presença do professor surdo na sala de aula de alunos surdos, presença de professor ouvinte com domínio de língua de sinais e capacitado para ensino de português como segunda língua, e contato do surdo com a cultura surda.

Não é mesmo fácil ter uma identidade surda num mundo em que a maioria é ouvinte. Nesse sentido, Miranda (2001, p. 23) diz para a gente pensar:

A idéia da identidade cultural nas comunidades surdas não se apresenta estável. Ela é ameaçada constantemente pelo "outro". Este outro pode se referir aos surdos que optaram pela representação da identidade ouvinte. Esta política de representação geralmente terá uma incidência negativa.

2 Comunidade Surda



Figura A.2: Encontro surdos para bate-sinais como é a resistência da Comunidade Surda

As pessoas comentam que o grupo dos surdos é uma comunidade surda, mas este termo é o correto? Vemos que ultimamente o grupo de surdos começou a se nomear como povo surdo. Em relação aos dois nomes - comunidade e povo - é preciso entender a diferença. Na opinião de Bauman (2003, p.7), comunidade é um lugar confortável e aconchegante, que tem proteção e segurança. Estas duas palavras são diferentes; assim, os surdos participam na comunidade surda, freqüentam a associação de surdos, escolas, igrejas, os pontos de encontro surdo (tipo de bar, praça, shopping, etc.), onde há o prazer entre surdos com a comunicação de LS; têm a

mesma identidade, mesma cultura, inclusive piadas. Este é um tipo de resistência da comunidade surda, assim como Bauman diz que "tem proteção e segurança": é a segunda casa dos surdos. Porém os surdos moram com famílias e a maioria das famílias dos surdos são ouvintes, fazendo com que eles não tenham a mesma comunicação com a família ouvinte. A comunidade surda também abre fronteira aos ouvintes que participam dela, como escolas de surdos que têm intérpretes, professores ouvintes e surdos; algumas famílias surdas têm parentes ouvintes que vão à associação, etc. Segundo Padden e Humphries (1988, p.5),

uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apóiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar.

As pessoas não nascem com as identidades prontas, pois essas identidades são construídas na sociedade. A mídia também produz identidades - as pessoas querem andar na moda, ter carro da moda, ser iguais aos artistas da moda, etc. As escolas fazem parte importante da sociedade e o currículo produz identidades. Existem muitos lugares onde se produzem identidades.

Um exemplo: "ser homem" e "ser mulher" são identidades construídas. "Mulher não pode fazer isso", "Homem não pode fazer aquilo" (chorar, por exemplo), "menina usa cor-de-rosa", "menino usa azul", etc. Aprende-se as identidades com a família, com a escola e com os grupos. Assim a identidade surda também se aprende.

Perlin (2000, p. 25) fala da identidade surda assim:

uma identidade que deve ser construída no interior desta representação cultural e que se fortalece no seio da comunidade surda. (...) Sendo, apenas, um aspecto da identidade cultural, a identidade surda não se caracteriza como a totalidade da identidade ou subjetividade da pessoa.

Um exemplo é a comunidade surda que pode ter estudantes surdos mestrandos e doutorandos, intérpretes, professores surdos e ouvintes, usuários de LIBRAS, que participam no Grupo de Estudos Surdos

(GES), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Isto é muito importante para resistência das lutas políticas e educacionais e que favorecem o povo surdo.

Existem surdos com várias identidades, como surdo oralizado, surdo índio, surda mulher, surdo que vive na roça, surdo que vive no interior, surdo que vive na capital, etc. Eles são do povo surdo. Os surdos têm identidades diferentes, mas têm uma coisa comum que é a cultura surda. Strobel (2006, p.6) define povo surdo como o conjunto de sujeitos surdos que não habita no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, usam língua de sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado.

Na Comunidade Surda algumas pessoas surdas participam, outras não. Nossa identidade constrói nossa comunidade e faz surgir o povo surdo. Observe como a autora surda Laborit escreveu (s/d, p. 75):

O 'povo' surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles têm prazer em se comunicar e se alegram sempre. Em um pátio de recreação ou em um restaurante, um grupo de surdos que falam é algo incrivelmente vivo. Falamos, falamos, exprimimo-nos às vezes durante horas. Como se tivéssemos uma sede inesgotável de dizer as coisas, das mais superficiais às mais sérias. Os surdos teriam me chamado de 'Flor que chora', caso eu não tivesse tido acesso à sua comunidade linguística. A partir dos sete anos tornei-me falante e luminosa. A linguagem de sinais era minha luz, meu sol, não pararia mais de me exprimir, aquilo saía, saía, como uma grande abertura em direção à luz. Não conseguia mais parar de falar com as pessoas. Tornei-me 'O sol que vem do coração'. Era um belo sinal.

3 Cultura Surda

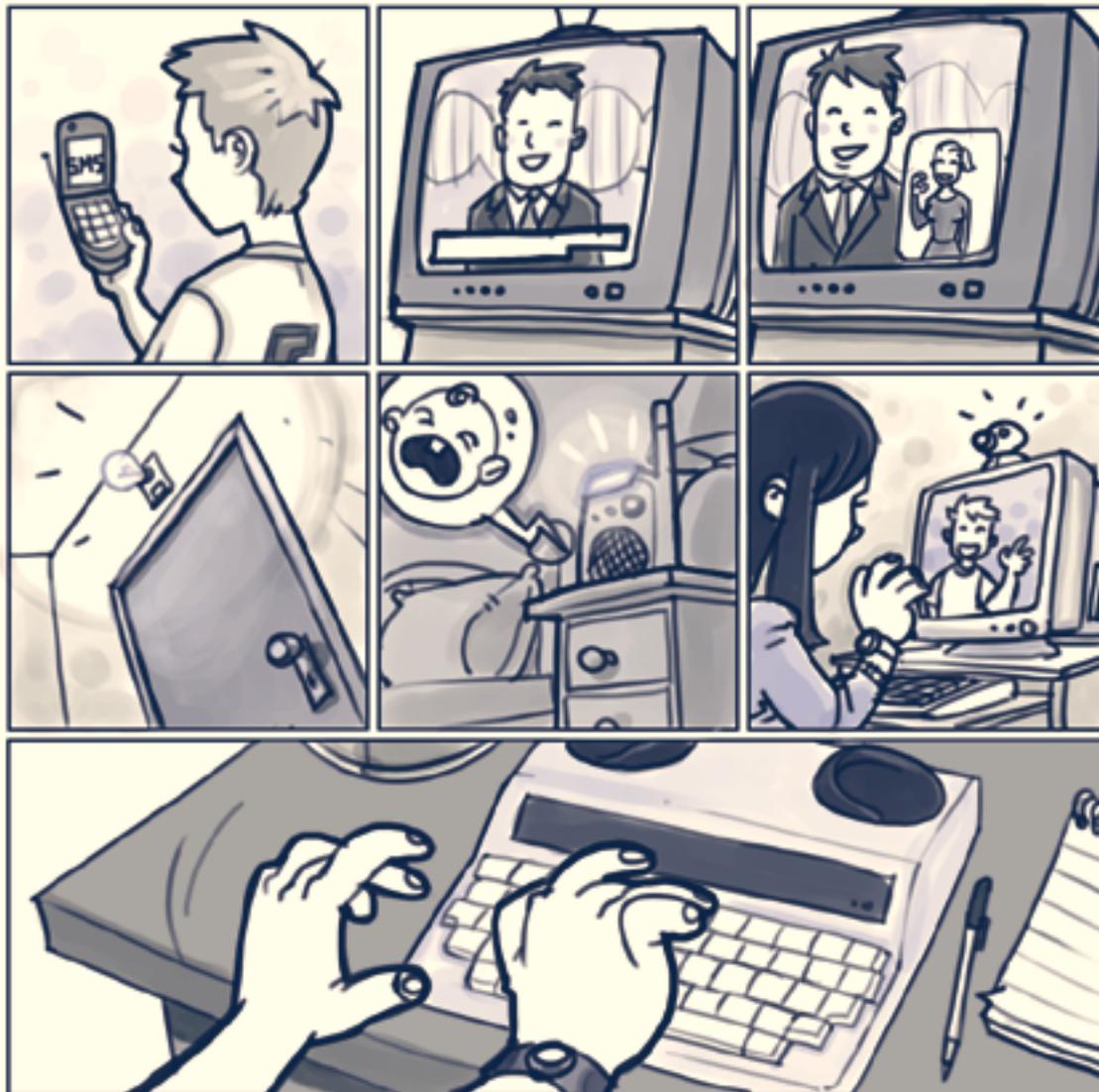


Figura A.3: Cultura surda, exemplo, surdo escrevendo a mensagem no celular; televisão que tem closed caption e legenda; televisão que tem janela que mostra interprete sinalizando ao traduzir; ao tocar campainha, piscar a luz que tem pessoa tocando a campainha; bebê chora, a luz piscar ao aviso aos pais surdos; uso Internet como Messenger (MSN), usar webcam para bate-sinais, é comum que surdos comunicam aos surdos de outros estados até outros países; TDD (*Telecommunications Device for the Deaf*), é o telefone dos surdos comunicam ao digitar e ler a escrita.

A cultura surda é como viver nas fronteiras entre dois mundos: um mundo visual e um mundo

dos sons. Conforme afirma Bhabha (1998, p. 19) sobre viver em fronteiras:

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do "presente", para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo "pós": pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...

Os surdos sempre viveram uma vida na fronteira entre o mundo surdo e o mundo dos sons, às vezes nos "entre-lugares" negociando sua cultura. Segundo Bhabha, sempre a cultura dentro da fronteira precisa encontrar o "novo." Ou seja: no passado, há histórias reprimidas, mas que podem trazer aprendizagem, para no futuro melhorar ou modificar a cultura surda. Porém, existem alguns surdos que ficam revoltados com o passado das suas histórias reprimidas, por isso Bhabha fala que precisa renovação do passado e, segundo Perlin (2003, p. 224), Andar na fronteira equivale ao hibridismo.

Como nasce a cultura surda? Wrigley (1996, p. 45) afirma que "o traço significativo que define a cultura dos surdos é o uso de uma língua de sinais". A língua de sinais é natural dentro dos corpos surdos. Surdos têm a própria cultura diferente; pode-se pensar que a cultura dos surdos é a cultura de pessoas que experienciam o mundo visualmente independente de sons (Skliar; Quadros, 2000, p. 43). É uma cultura que é construída pelos surdos, não é uma cultura adaptada dos ouvintes. Como afirma Miranda (2001, p.20):

A comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de não nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda.

A cultura surda é autônoma. Ela coloca os surdos no espaço territorial diferente, simbólico. Nesse sentido, há uma invenção no lugar da

cultura surda, pois segundo Perlin (2004, p.73); Entrar no lugar da cultura surda requer conhecimento da experiência do ser surdo/a com toda a transformação que o acompanha.

Mas, como é a cultura surda?

Na cultura surda, a parte visual é importante para toda a vida dos surdos. Skliar e Quadros (2000, p. 49) explicam muito bem isso:

A experiência é visual desde o ponto de vista físico (os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos...) até o ponto de vista mental (a língua, os sonhos, os pensamentos, as idéias...). Como consequência é possível dizer que a cultura é visual. As produções linguísticas, artísticas, científicas e as relações sociais são visuais.

Mas os ouvintes não entendem isso, porque estão dentro de outra cultura. Conforme Perlin (2004, p. 76) mostrou, "percebe-se que o sujeito surdo está descentrado de uma cultura e possui uma outra cultura. Percebe-se o surdo sem seu deslocamento da cultura ouvinte ou cultura universal e emergente na problemática da diferença cultural própria".

Surdos podem se deslocar da cultura ouvinte, como aqueles surdos que eram oralizados anteriormente na cultura ouvinte, descobrem que têm outros corpos iguais aos surdos sinalizadores e começam a se deslocar para a cultura surda, atravessando a fronteira sem barreira, sem "necessitar de documentos". Existe a violência contra a cultura surda até hoje, como acontece em escolas inclusivas que Perlin (2004, p. 79) descreveu na História:

A violência contra a cultura surda foi marcada através da história. Constatamos, na história, eliminação vital dos surdos, a proibição do uso de língua de sinais, a ridicularização da língua, a imposição do oralismo, a inclusão do surdo entre os deficientes, a inclusão dos surdos entre os ouvintes.

Lane (1992, p. 40) ainda fala sobre o que é mais importante para surdos como marca da cultura dos surdos: a) a sua dignidade, ou seja, não aceitar o que os médicos dizem "que são deficientes"; isto não é próprio da cultura; b) sua linguagem: os educadores não respeitam, só reprimem a própria língua da cultura dos surdos; c) sua história surda: os ouvintes roubam a história própria dos surdos e dentro no currículo nunca ensinam a história própria dos surdos; d) sua organização social e costumes: A maioria dos profissionais da medicina falam mal dos costumes dos surdos, dizendo que são bobagens e têm menor nível do que os costumes dos ouvintes, mas isso não é verdade;

e) sua agenda política: os ouvintes continuam diminuindo ou abaixando o poder dos líderes surdos, não respeitam as opiniões dos surdos e até "empurram" os surdos para trás em suas conquistas, às vezes.

Assim é importante entender que a cultura é composta por práticas sociais sem neutralidade. É uma marcação de territórios, que deve ser estabelecida politicamente pelos próprios surdos. Perlin (2000, p.23) coloca que, se a base da cultura surda não estiver presente no currículo, dificilmente o sujeito surdo irá percorrer a trajetória de sua nova ordem, que será oferecida com as representações da própria cultura.

4 A surdez como diferença política



Figura A.4: Movimento dos surdos quando lutam o que precisa como ser cidadão

Durante muitos anos, os surdos lutaram no movimento de surdos querendo seu próprio direito, que é diferente do que pensam os ouvintes. Significa lutar pelo surdo, não pelo deficiente e nem pelo doente.

No século 19, alguns grupos de surdos franceses, europeus e americanos (engenheiros, filósofos, artistas e professores, todos surdos), organizaram as reuniões anuais "Banquetes de Surdos" para comemorar o aniversário do nascimento de L'Epee.

Teve o primeiro banquete silencioso, que ocorreu no dia 30 de novembro de 1834, em comemoração aos 122 anos do nascimento do L'Epee. Assim começou a movimentação dos surdos, foi criada uma associação de surdos em

Paris - França, chamada Sociedad Central de Sordo-Mudos de Paris, fundado em 1934. A influência das associações de surdos é espalhada no mundo até hoje, pois é o local onde os surdos se encontram no mesmo modelo e na mesma língua. Conforme Quadros (2004, s/p):

No Brasil, as associações de surdos brasileiros foram sendo criadas e tornando-se espaço de "bate-papo" e lazer em sinais para os surdos, enquanto as escolas especiais "oralizavam" ou as escolas "integravam" as crianças surdas nas escolas regulares de ensino.

Durante anos, mais de 42% do professores na escola para surdos eram Surdos (EUA e Europa) e isso durou até 1879. Um dos mais importantes professores surdos foi o francês Laurent Clerc, convidado para lecionar nos

L'Epee: Padre e professor ouvinte que mostrou que os surdos são capazes, ensinou a comunicação, a leitura e a escrita, assim fundou a primeira escola pública de surdos. Veja o caderno de LIBRAS I.

Estados Unidos, fundou a escola pública para surdos em 1816. Mais tarde (1864) escola Gallaudet, logo transformada na primeira faculdade para surdos e atualmente Gallaudet University, em Washington.

Em 1880, foi realizado o Congresso de Milão, no qual o método oral foi adotado nas escolas de surdos, proibindo assim o uso da língua de sinais. Neste caso, os professores surdos foram demitidos. Ferreira (2000, p. 29) declarou:

1900 - Maior parte das escolas para surdos de todo mundo já não utiliza mais a Língua de Sinais por causa da oralização, gerando queda significativa no nível de escolarização dos Surdos (...), fazendo com que os Surdos buscassem no esporte sua forma de expressão mais genuína, no sentido de vencer esse grande trauma lingüístico, cognitivo e comunitário(...)

Houve uma explosão do movimento, foi um momento emocionante e de exemplo para o mundo dos surdos.

No dia 8 de março de 1988 (1ª semana de movimento), houve greve na University Gallaudet para exigir uma pessoa surda na direção, não ao ouvinte. Surdos divulgaram muitas campanhas, cartazes, papéis, etc., mostrando a escrita: "Greve no Gallaudet", "Surdos em greve pelos Surdos", "Estudantes exigem reitor surdo", etc. Conforme Sacks (1998, p. 145)

Vejo uma moça fazendo sinais para seu cachorro; este, obediente, deita, rola, dá a pata. O próprio cachorro veste um pano branco com os dizeres, de cada lado: ENTENDO A LÍNGUA DE SINAIS MELHOR DO QUE SPILMAN. (A presidente do corpo diretivo do Gallaudet ocupou o cargo por sete anos sem aprender praticamente nada da língua de sinais).

Um comitê do corpo diretivo escolheu entre três finalistas (uma ouvinte e dois surdos) a candidata ouvinte Elizabeth Ann Zinser. No dia seguinte, houve um movimento de mil estudantes surdos, que saíram em passeata, marchando seis quarteirões até a Casa Branca e, em seguida até o Capitólio. Após alguns dias, o movimento aumentou para 3 mil surdos nos EUA, entre família, atores surdos, não-estudantes, trabalhadores, etc. Finalmente trocaram a direção e atualmente Gallaudet tem em sua direção um surdo que é King Jordan.

Houve outro grande movimento em Porto Alegre - RS. No dia 21 a 24 de abril de 1999, aconteceu o V Congresso Latino Americano de Educação Bilingüe para Surdos na Universidade Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Também o Pré-Congresso ao V Congresso de Educação Bilingüe para Surdos nos dias 20 a 21 de abril de 1999. Mais de mil pessoas assistiram às palestras, discussões, etc. para fazer uma mudança da educação de surdos nos anos 2000. Um dia, houve uma mobilização dos surdos na rua, como pode-se observar abaixo, na notícia do jornal Correio do Povo - Porto Alegre - RS no dia 24 de abril de 1999, sobre governador Olívio Dutra que colocou luvas brancas nas mãos deles. O documento sobre a situação na educação de surdos foi entregue pelos surdos ao governador Olívio Dutra.

Comunidade surda vai às ruas e reivindica

Mobilizar a sociedade para a situação da comunidade surda em relação à educação, direitos e o fechamento de escolas levou às ruas da Capital centenas de participantes do V Congresso Latino-Americano de Educação Bilingüe para Surdos, que encerrou-se ontem. A passeata saiu da Reitoria da Ufrgs e seguiu até o Palácio Piratini. Na ocasião, foi entregue ao governador Olívio Dutra e à secretária estadual de Educação, Lucia Camini, um documento sobre a situação do ensino para quem tem problemas de audição.

Os congressistas, que somaram 1.400, vin-

dos de onze países, reivindicam escola pública noturna para surdos, língua de sinais, artes e culturas surdas, formação de educadores e universitários sem audição. Conforme a professora Marcia Lunardi, eles precisam ser reconhecidos como pessoas diferentes e não como deficientes. "Eles têm cultura própria e uma língua específica que os legitima como uma comunidade diferenciada", afirmou.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, 2,8% da população do RS é surda. Na Capital, a rede municipal de ensino tem oficializada nas escolas a Língua Brasileira de Sinais (Libra). "Precisamos instituir a Libra nas escolas públicas estaduais", disse Marcia.

RICARDO GIUSTI



Passeata encerrou-se no Piratini, onde documento foi entregue ao governo

Desenvolver um consciência surda é a meta da Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (Feneis). A afirmação é do diretor-presidente da entidade, Antônio Campos de Abreu. Para ele, uma das dificuldades para a colocação do surdo no mercado de trabalho é a comunicação. "Infelizmente, a sociedade pensa que não ouvir significa incapacidade", disse. A Feneis tem 96 filiais em todo Brasil.

Figura A.5: Jornal Correio do Povo, 24 de abril de 1999

Aqui em Santa Maria, há uma associação de surdos, chamada ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE SANTA MARIA (ASSM), fundada em 13 de julho de 1985, localizada na Av. Oliveira Mesquita, 84, no bairro Salgado Filho. Os surdos participam da associação como uma casa, onde encontram outros surdos para bater-mãos praticar esportes, jogar, etc. Antigamente quando não havia esse local, não tinham um ponto fixo de encontro de surdos para bater-mãos, etc.

Atualmente, em Santa Maria, existe uma escola de surdos, a Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser. Esta escola de surdos tem alguns professores surdos dando aula, isto é muito mais importante, pois traz a referência e a identificação. Observamos que há uma crescente evolução dos surdos e que continua cada vez mais em garantia dos plenos direitos como cidadãos.

Agora há o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que obriga o ensino de LIBRAS nos cursos de licenciatura. Também sabemos que foi lançado o curso de graduação a distância em LETRAS/LIBRAS na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com nove pólos nas universidades federais em alguns estados do Brasil. Entre eles está a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), em Santa Maria, RS, que possui 55 alunos surdos. Observe que o decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, inclui a lei de LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, nº 10.436 de 24 de abril de 2002, reconhecida como a comunicação e expressão de surdos brasileiros. Se não fosse o movimento, a luta dos surdos é possível que não houvesse a lei.

surdo é o sujeito que aprende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de

sinais e língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais.

Porém, muitas pessoas desconhecem o que é um surdo, pensa que é uma deficiência, uma pessoa incapaz, um coitado que precisa ser normalizado, etc. É preciso um maior respeito ao surdo, não podemos normalizar, temos que aceitá-lo. O maior problema é a discriminação, o que é inaceitável para os surdos.

Perlin e Miranda (2003, p. 218) explicam o que é ser surdo:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Ronice Müller de Quadros: que é a coordenadora geral responsável do curso LETRAS/LIBRAS na UFSC, é professora e pesquisadora da UFSC. Gaúcha, filha de pais surdos e fez vários livros sobre Lingüística e Educação de Surdos. Veja mais no site <http://www.ronice.ced.ufsc.br/index.htm>

5 A surdez como experiência visual

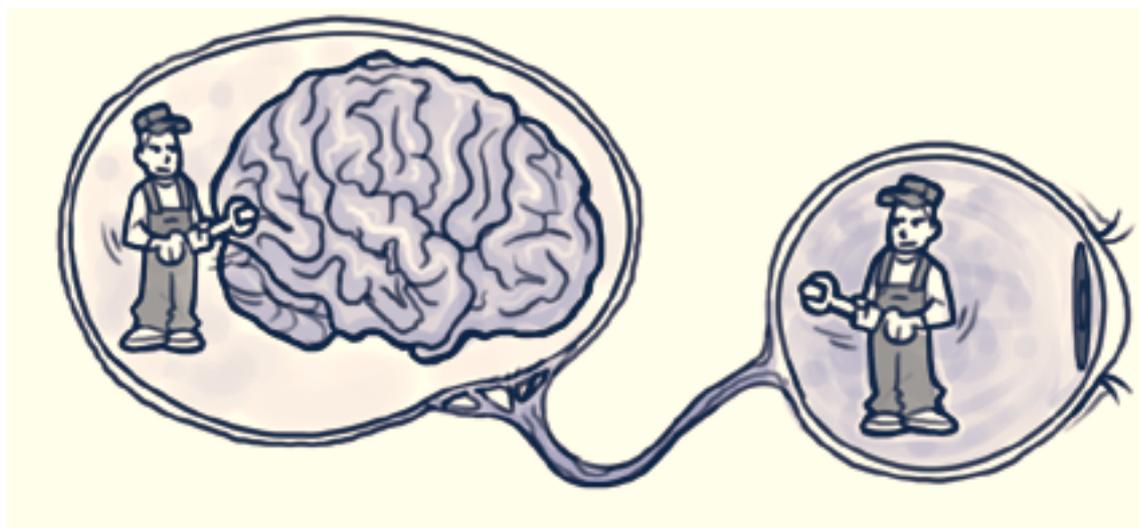


Figura A.6: Como os surdos desenvolvem a aquisição, cognição, aprendizado, etc. é usar a visual, quer mostrar é a experiência visual. Este desenho que mostra uma córnea, quando vê a imagem ou paisagem, que atravessará ao caminho para cérebro.

No aprendizado, a percepção visual é o ponto mais importante dos surdos. Geralmente a educação clínica trabalha com o treinamento de ouvir, focaliza a audição dos surdos. Isso é perda de tempo, é simplesmente o uso da experiência visual. Ser surdo não quer somente dizer não ouvir, existem outros sentidos, o ser Surdo é uma pessoa com uso de Língua de Sinais, que tem identidade própria, cultura, etc.

Os surdos têm experiência visual e adquirem uma língua visual-espacial, identificam-se como surdos, assim como os ouvintes têm experiência oral-auditiva. Conforme Quadros (2004, p.4),

surdo é o sujeito que aprende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais.

Porém, muitas pessoas desconhecem o que é um surdo, pensa que é uma deficiência, uma pessoa incapaz, um coitado que precisa ser normalizado, etc. É preciso um maior respeito ao surdo, não podemos normalizar, temos que aceitá-lo. O maior problema é a discriminação, o que é inaceitável para os surdos.

Perlin e Miranda (2003, p. 218) explicam o que é ser surdo:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Por isso ser surdo é uma diferença humana, não é doença ou deficiência como médicos, fonoaudiólogos e outros clínicos costumam falar.

A Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, tendo sua estrutura diferenciada da estrutura do português, que tem por base o campo oral-auditivo. Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço em que esses sinais são feitos. Assim, como as línguas orais, a LIBRAS possui sua estrutura gramatical própria, contemplando todos os requisitos para a sua oficialização como língua.

Após a aquisição da linguagem, a língua de sinais ajuda os surdos desenvolvem a escrita de português e leitura. Existem filhos surdos de pais surdos que escrevem melhor do que filhos surdos dos pais ouvintes. Conforme Quadros (1997, p. 26), "em alguns surdos que tiveram oportunidade de desenvolver a língua de sinais desde a mais tenra idade (por serem filhos de pais surdos), percebeu-se a qualidade das produções escritas e de suas leituras é superior à produção e compreensão de muitos alunos surdos que não têm acesso à língua de sinais precocemente".

Leia o texto destacado abaixo:

REPRESENTAÇÕES DO SURDO

Como são os surdos? Para responder esta pergunta, foram feitos pelo menos três estudos. Pode-se refletir-se em primeiro lugar sobre a identidade dos surdos; eles pertencem uma categoria e esta tem atributos que constituem uma parte da nossa cultura popular, como consequência do tratamento do surdo na literatura e nos meios de comunicação. Em segundo lugar, tentemos dar um salto do mundo ouvinte e tentar imaginar como seria o nosso mundo se fossemos surdos. A maior parte das pessoas ouvintes se for levada a pensar nos surdos, dão de imediato o salto do seu mundo para o mundo dos surdos, visto não terem mais nada em que se basear. Estas pessoas nunca leram nada sobre a linguagem e cultura dos surdos, por isso, esta passagem imaginária do mundo ouvinte para o mundo surdo é o único meio a que

podem recorrer para tentarem obter um conhecimento mais real. Se por acaso conhecermos alguém que seja surdo, está aberto um terceiro caminho para a compreensão da surdez, que é baseada nas características dessa determinada pessoa, por exemplo: <<John compreende-me quando falo directamente com ele; por conseguinte pode afirmar-se que os surdos conseguem ler os lábios>>.

Normalmente, todos estes estudos levam as pessoas ouvintes ao mesmo ponto de partida respeitante às representações dos surdos: a surdez não é um privilégio.

Na sociedade ouvinte, a surdez é estigmatizada; o sociólogo, Erving Goffman distingue três tipos de estigma: físico, psicológico e social. <<Existe apenas um indivíduo que engloba as três estigmas, o norte-americano descomplexado>>.

explica. << É jovem, casado, branco, heterossexual, vive na cidade, é um padre protestante de instrução superior, com um bom emprego, bem estruturado sobre o ponto de vista físico e com recorde recente em desporto. >> Qualquer desvio é susceptível de impor um estigma e nós temos tendência a atribuir muitos estigmas quando encontramos apenas algum. Todas estas três categorias de estigmas são atribuídas aos surdos os quais fisicamente são considerados deficientes, facto este que faz com que surjam algumas características indesejáveis da sua personalidade, tais como: raciocínios confusos e comportamentos impulsivos. Os ouvintes podem também considerar os surdos como indivíduos pertencentes a uma comunidade específica, chegam mesmo a considerá-los um mundo à parte, indesejável, causando-lhes desse modo distúrbios sociais, como aqueles presentes na lista de Goffman: prostitutas, toxicodependentes, delinqüente, criminosos, músico de jazz, boêmios, ciganos, artistas de rua, vagabundos, gente de espetáculos, jogadores, <<praistas>>, homossexuais e os pobres que sobrevivem nas cidades sem vontade de trabalhar. Mas mesmo que a comunidade dos surdos americanos fosse conhecida pelo que é uma minoria lingüística e cultural com uma rica e única herança, estaria ainda sujeita a um estigma tribal, tal como acontece com a comunidade hispano-americana. O estigma é relativo. Na comunidade dos surdos, ser-se surdo não mudo é, como já

vimos inaceitável. Ser-se surdo não mudo significa que este faz más opções de vida, que adoptou indiscriminadamente valores fora do comum que privilegiam a fala. As pessoas ouvintes não conseguem ver o que está errado com os surdos não mudos; a articulação é privilegiada na sociedade americana, enquanto a gesticulação já não o é.

No estereótipo do ouvinte, a surdez representa a falta e não a presença de algo. O silencio é sinónimo de vácuo. De acordo com Padden e Humphries, a comunidade dos surdos reconhece que o <<silencioso>> <<é um competente de um ponto de vista que julga o surdo, que é difuso na sociedade de ouvinte, contudo aceitam-no como um modo fácil para que outros os reconhecem (aos surdos) >>. Por isso a revista publicada pela National Association of the Deaf (NAD) foi intitulada durante muito tempo por *The Silent Worker*. Mas, para o ouvinte, <<silencioso>> representa o lado obscuro do surdo. Quem é surdo não pode ter a mesma orientação e segurança no seu ambiente que nós temos no nosso; com certeza, que não podem apreciar música, dizemos a nós próprios; nem participarem numa conversa, ouvir anúncios ou utilizar o telefone. A pessoa surda anda à toa, parece que está numa redoma; existe uma barreira entre nós, por isso o surdo está isolado. Gerasin, personagem de Ivan Turgenev, por exemplo, foi <<expulso pela angústia em relação à da sociedade dos homens>>, tal como foi o protagonista

surdo de Carson McCullers em *The Heart is a Lonely Hunter*.

O surdo, na realidade, não consegue comunicar na linguagem do ouvinte; para ele o simples facto de tentar é como se envolvesse num diálogo dês sourdes - um diálogo surdo significa a não compreensão mutua. O ouvinte é muitas vezes, em sentido figurado, chamado surdo, quando se recusa a ouvir, principalmente, os conselhos morais. Se os grandes progressos em inglês estão associados a uma mente instruída, um discurso simples, pouco cuidado, assim como a gesticulação estão associados a uma mente simples. Porque a linguagem e a inteligência estão muito interligadas, quando tentamos classificar uma pessoa (ficamos surpreendidos ao ouvir uma inteligência superior manifesta - a não ser que tal aconteça de livre vontade - numa linguagem lenta, arrastada ou em frases gramaticalmente incorrectas), a surdes surge como uma deficiência do intelecto. O <<mudo>> do <<surdo e mudo>> surge não só para fazer referência à mudez, como também à fraqueza da mente. O casal surdo em *In This Sign*, de Joanne Greenberg, é ignorante mesmo em assuntos respeitantes ao nascimento de uma criança. Paradoxalmente, a surdez pode parecer digna: a tão simplicidade da mente e a inocência de uma criança revelam uma alma pura, sem os artificios da civilização. Sophy de Dicken parece que veio do paraíso; Gargan de Maupassant não consegue falar, é um pastor ignorante, mas forte, honesto e íntegro na sua miséria.

De facto, imaginamos dois tipos de surdez, estando nas nossas mentes o tipo mais freqüente associado a empregos de nível inferior ou mesmo a pobreza. O casal surdo de *The Key*, de Eudora Welty é pobre ingênuo, <<afligido>> e tem o comportamento de uma criança. Uma pessoa surda pode vender cartas gravadas com o alfabeto dos surdos excepcional que consegue falar e ler os lábios, que é como todos nós, à excepção de uma ligeira diferença. (Que alívio!). Este não vende cartas nem faz trabalhos manuais, não é pobre, nem pertence à classe média na nossa imaginação, mas é distinto e elegante. Henry Kisor, o editor de *Sun-Times*, em Chicago, confirmou esta boa imagem do surdo na sua autobiografia, em 1990, *What's That Pig Outdoors*. (O título foi escolhido para ilustrar os riscos da leitura dos lábios).

A nossa sociedade é suficientemente rica e instruída para que estejamos preparados para conviver com marginais, os quais defendem as nossas normas, mas que por razões para além de seu controlo, não conseguem viver com elas. Marlee Matlin, a actriz surda, conquistou a admiração de muitas pessoas ouvintes quando optou por comunicar oralmente na televisão nacional e não ter recorrido a um intérprete ao receber o Oscar pelo seu papel de surda culta no filme *Filhos de um Deus Menor*. No entanto, pelo mesmo acto, foi alvo de muitos criticismos por parte de alguns outros membros da comunidade dos surdos americanos. Para eles, naquelas poucas



Atriz **Marlee Matlin**, vencedora do oscar 1987, melhor atriz, que fez o filme FILHOS DO SILÊNCIO, diretor Randa Haines, EUA, 1986. Ela é surda, é americana, fez vários filmes, na sua maioria como surda.

palavras hesitantes, ela renegou os princípios da história que tão brilhantemente tinha representado. Simbolicamente, ela optou por não receber o prêmio como um membro da comunidade dos surdos e, pareceu mesmo defender a idéia de que o recurso a quaisquer palavras em inglês é mais vantajoso para os surdos do que a mais eloqüente American Sign Language.

Fonte: LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.



Atividade Final

1. Faça uma relação do texto lido com o conteúdo da unidade.
2. Na sua opinião os surdos são vistos como pessoas a parte, sozinhas? Por-quê?
3. Como os surdos são vistos na sua cidade?
4. Existe, em sua cidade, exemplos de respeito à cultura e comunidade surda? Cite algum.
5. Dê sua opinião sobre o fato de a atriz Marlee Matlin não necessitar de intérprete no Oscar

Disponibilize a atividade no ambiente virtual conforme orientações do professor da disciplina.

UNIDADE

B

GRAMÁTICA II

Objetivos da Unidade:

Após o estudo do conteúdo e a realização das atividades propostas, esperamos que você alcance os seguintes objetivos:

- aprofunde a gramática da língua de Sinais;
- identifique os tipos de frases na LIBRAS, pronomes e expressões interrogativas e advérbio de tempo.

Introdução



Nessa unidade, conheceremos mais profundamente a gramática da Língua de Sinais e sua importância.

1 Tipos de frases na LIBRAS

Revise o caderno LIBRAS II em constam frases em LIBRAS.



Figura B.1: Observe o desenho que o menino faz a expressão diferente cada pergunta ou conversa

2 Advérbios de tempo



Figura B.2

Observe o desenho que mostra o turno como manhã, tarde, noite e madrugada.

Advérbios de tempo

Na LIBRAS, não há marca de tempo nas formas verbais. É como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo, geralmente os advérbios vêm no começo da frase como por exemplo:

HOJE e AGORA que dá idéia de presente: HOJE o tempo está lindo!

ONTEM, ANTEONTEM que dá idéia de passado: ONTEM eu cheguei em casa às 21h.

AMANHÃ que dá idéia de futuro: AMANHÃ vai fazer muito calor aqui em Santa Maria.

3 Pronomes e expressões interrogativas

3.1

QUAL, COMO, PARA QUE e PORQUE

Na LIBRAS, os pronomes QUAL, COMO e PARA QUE tendem a ser utilizados no final da frase e o POR QUE no início da frase.

É preciso saber que a diferença entre o "por que" interrogativo e o "porque" explicativo está no contexto e nas expressões facial e corporal

Exemplos:

- QUAL?

a. CAMISETA MAIS BONIT@. ROSA OU VERDE, QUAL?

MAIS BONIT@ ROSA URSO BONITO (expressão facial infantil)

b. VOCÊ LER LIVRO? QUAL NOME? NOME "A MÁSCARA DA BENEVOLENCIA"

- COMO?

a. VOCÊ IR ESCOLA AMANHÃ COMO? EU IR A ESCOLA DE ÔNIBUS, VAMOS JUNTOS?

b. EL@ COMPRAR CARRO? COMO DINHEIRO?

EL@ PEDIR DINHEIRO EMPRESTADO

- PARA QUE?

a. PRA QUE COMPRAR ROUPA? AMANHÃ TEM FESTA NA CASA DA MÔNICA.

a. PRA-QUE ROUPA CHIQUE? EU GOSTAR.

- POR QUE?

a. POR QUE FALTAR SEGUNDA-FEIRA PASSADA NA ESCOLA?

POR-QUE EU IR NO MÉDICO.

3.2

QUANDO, DIA, QUE-HORA, QUANTAS-HORAS

- QUANDO e DIA

A expressão facial simultaneamente indica que os pronomes estão na forma interrogativa. O QUANDO, em uma resposta está relacionado a um advérbio de tempo. Assim há três sinais diferentes especificando passado, futuro ou dia.

Exemplos:

- QUANDO-PASSADO (interrogativo)

a. EL@ FAZER COMPRAS DA PASSAGEM QUANDO-PASSADO?

ONTEM, MÊS PASSADO, ANO-PASSADO, etc.

- QUANDO-FUTURO ou DIA

a. EL@ IR NA ESCOLA QUANDO-FUTURO?
AMANHÃ, PRÓXIMO MÊS, DOMINGO, etc;

· DIA

a. EU CONVIDAR VOCÊ ESTUDAR COMIGO.

VOCÊ PODER DIA?

TERÇA-FEIRA QUE-VEM, EU PODER.

Que-horas e Quantas-horas

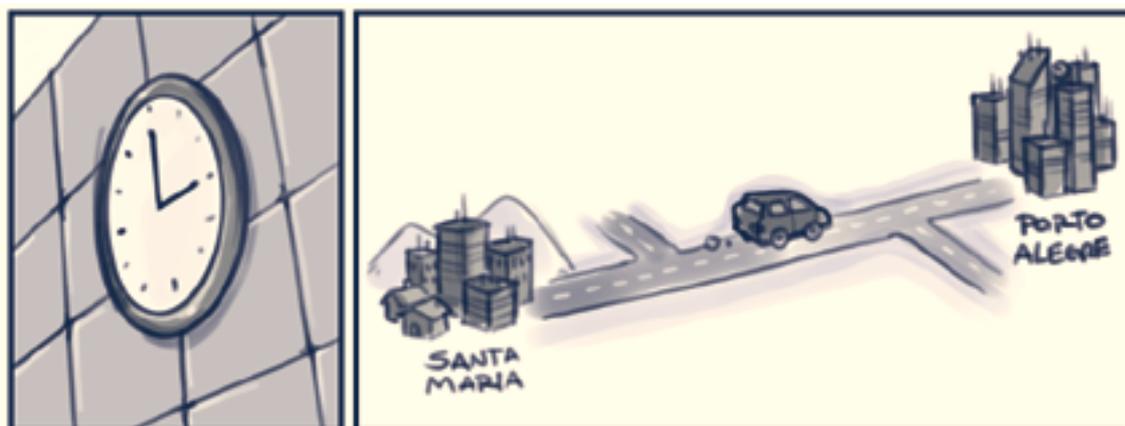


Figura B.3: Relógio que mostrar QUE-HORAS; a viagem de carro que mostrar é QUANTAS-HORAS

Na LIBRAS, a expressão QUE HORAS? Está relacionada com tempo cronológico e usa-se a mesma configuração dos numerais para quantidade. Depois do meio-dia, conta-se novamente as horas, pois pelo contexto já se sabe a que turno do dia se está referindo, mas se for necessário especificar, acrescenta-se o sinal de TARDE após a hora, exemplo:

QUE-HORAS

- AULA COMEÇAR QUE-HORA ?

- VOCÊ IR NO MÉDICO QUE-HORA?

- SEU ÔNIBUS VEM QUE-HORA?

- O FILME COMEÇA QUE-HORA?

A expressão interrogativa QUANTAS-HORAS está sempre relacionada ao tempo gastou para se realizar alguma atividade ou acontecer alguma coisa, exemplos:

QUANTA-HORA

· VIAJAR DE CARRO QUANTA-HORA?

· ESTUDAR ESCOLA QUANTA-HORA?

Expressões idiomáticas relacionadas ao ano sideral

Na LIBRAS, a palavra DIA tem dois sinais: um relacionado ao dia do mês e outro para duração (todo dia).

Exemplos:

DIA ONTEM?
ONTEM DIA 27

VIAJAR MARANHÃO AVIÃO 3 DIA
"Eu viajei 3 dias de avião para o Maranhão"

Pode ser incorporado aos sinais DIA (duração) os numerais de 1 a 4, a partir do número 5 forma o sinal seguido do numeral.

exemplos:

1 DIA, 2 DIA
2 SEMANA, 3 SEMANA
VEZ-1, VEZ-2, VEZ-3, MUIT@-VEZES
DIA 20, SEMANA 8, ANO 6

Também pode ser incorporado aos sinais DIA (duração) a frequência ou a duração através de movimentos repetidos ou prolongados.

Exemplos:

TODOS-OS-DIAS - movimento repetido;
DIA-INTEIRO "o dia todo" - movimento alongado;

3.3

Comparativo de igualdade, superioridade e inferioridade

NA LIBRAS, há três situações pra ser comparada uma qualidade: superioridade, inferioridade para isso são usados os sinais MAIS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE, exemplo:

X MAIS ----- DO-QUE Y;
X MENOS ---- DO-QUE Y.

E também o de igualdade que pode ser utilizado como: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos em B, viradas para frente encostadas lado a lado), geralmente no final da frase. Exemplos:

- a. VOCÊ MAIS BONIT@ DO-QUE EL@
- b. VOCÊ 2 IDADE IGUAL

UNIDADE

C

CONTEXTUALIZANDO EM LIBRAS I

Objetivos da Unidade:

Após o estudo do conteúdo e a realização das atividades propostas, esperamos que você alcance os seguintes objetivos:

- sinalize as narrativas em LIBRAS e entenda o que professor sinalizou após observar o vídeo;
- saiba qual é a diferença dos sinais das pessoas, coisas e animais;
- conheça os sinais de locais.

Introdução



Nessa unidade, iremos aprofundar a contextualização em LIBRAS III, existe alguns sinais iguais, mas que dependendo do contexto tem outro sentido, quer. Por exemplo, o sinal

de "laranja" e "sábado" são iguais, mas o contexto é diferente, observe (estrutura em LIBRAS): "eu adoro comer laranja"; "combinar festa sábado?"; "vestido laranja horrível".

Pessoa



Coisa



Animal



Figura C.1

Locais



Figura C.2

1 Narrativas em LIBRAS



Observe que o professor sinalizará, ao narrar em LIBRAS, alguma história.



Atividade - C.1



Soletração

Visualize a soletração e anote os nomes:

- | | |
|----|-----|
| 1. | 6. |
| 2. | 7. |
| 3. | 8. |
| 4. | 9. |
| 5. | 10. |



Atividade Final



No vídeo, há uma figura para cada pergunta. Após, a professora sinalizará os locais. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Envie através do ambiente virtual conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal do local, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal do local?

2. Qual é o sinal do local?

3. Qual é o sinal do local ?

4. Qual é o sinal do local ?

UNIDADE

D

SINAIS BÁSICOS IV

Objetivos da Unidade:

Após o estudo do conteúdo e a realização das atividades propostas, esperamos que você alcance o seguinte objetivo:

- conheça os sinais de cidades, estados brasileiros e países.

Introdução

Nessa unidade iremos conhecer os sinais de cidades, estados brasileiros e países. Para os lugares que não têm sinal, é preciso soletrar no alfabeto dactilológico. Existe vários exemplos, que explicaremos no decorrer da unidade. Há cidades distantes, que nós surdos não temos contato, e não sabemos se há escola de surdos ou associação. O melhor é quando se conhece uma cidade, aí perguntamos para o líder surdo

dessa cidade sobre os sinais corretos usados por aquela comunidade e aproveitamos para usá-los. Muitas vezes não sabemos os sinais utilizados em alguns países, por isso também é comum que alguns surdos viajem para outros países, a passeio ou para Congressos e trazem os sinais originais destes outros países para o Brasil, e assim se espalha estes sinais originais.

1 Cidades



Figura D.1

2 Estados Brasileiros



Figura D.2



Após isso, sugiro que você assista ao vídeo "Literatura em LSB" com Nelson Pimenta, a poesia "Bandeira do Brasil".



Atividade Final



No vídeo, aparece uma figura para cada pergunta. A professora sinalizará os lugares como cidades, estados, países. Observe o vídeo e marque a alternativa correta. Após envie através do ambiente virtual conforme orientações do professor da disciplina.

Acerte qual é o sinal do local, colocando a, b ou c.

1. Qual é o sinal do lugar?

2. Qual é o sinal do lugar?

3. Qual é o sinal do lugar ?

4. Qual é o sinal do lugar ?

5. Qual é o sinal do lugar ?

6. Qual é o sinal do lugar ?

Referências

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade - a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. **LIBRAS em Contexto**: Curso Básico: Livro do Professor/. 4ª edição - Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005.

FERREIRA, Geralda Eustáquia. História Políticas Públicas nas Atividades dos Movimentos Associativos de Pessoas Surdas no Brasil - II parte. **Revista da FENEIS**. Ano II, número 7, julho / setembro 2000.

_____. **Histórias Políticas Públicas nas Atividades dos Movimentos Associativos de Pessoas Surdas no Brasil** - II parte. Revista da FENEIS. Ano II, numero 7, julho/setembro 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LABORIT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, s/d.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo, Caminhos para uma nova Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000.

MIRANDA, Wilson. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2001.

_____. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.) **A Invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, Gládis. Identidade surda e currículo. In: LACERDA, Cristina B.F. de; GÓES, Maria Cecília R. de (orgs.) **Surdez - processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Editora Lovise, 2000.

PERLIN, Gládis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Estudos Surdos - Ponto de Vista**: Revista de Educação e Processos Inclusivos nº 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

_____. **O lugar da cultura surda**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES,

Maura Corcini (orgs.) **A Invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PIMENTA, Nelson, Coleção "**Aprendendo LSB**" volume I Básico, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Coleção "**Aprendendo LSB**" volume II Intermediário, Rio de Janeiro, 2000.

_____. Coleção "**Aprendendo LSB**" volume III Avançado, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Coleção "**Aprendendo LSB**" volume IV Complementação, Rio de Janeiro, 2004.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller. **LIBRAS 1**, Rio de Janeiro, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos - a Aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.

_____. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: Inclusão/Exclusão. **Ponto de Vista:** Revista de Educação e Processos Inclusivos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, n.05, p. 001 - 231, 2003.

_____. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. "Temas em Educação Especial IV". São Carlos: EDUFSCar, 2004.

_____. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília. MEC. Segunda Edição. 2004.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O currículo de Língua de Sinais na Educação de Surdos.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC. Florianópolis, 2006.

SKLIAR, Carlos. **A SURDEZ, um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão; os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da clínica.** São Paulo, v. V, n. 9, p. 32-51, 2000.

STROBEL, Karin Lillian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC. Florianópolis, 2006.

WRIGLEY, Owen. **The Politics of Deafness.** Gallaudet University Press. Washington, 1996.

